

A PRIMEIRA VEZ NO CHÃO DA SALA DE AULA: MEMÓRIAS E REFLEXÕES DE PROFESSORES EM FORMAÇÃO INICIAL

Josiele Chalega de Sales Quaresma
Josielechalega18@gmail.com
Wendy Karolinne Ferreira de Lima
Wendykarolinne4@gmail.com
Marcelo Medeiros
marcelomedeiros_silva@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Durante o processo de formação de professores, passamos por várias dificuldades, pois estar no ambiente da universidade, estudando apenas as teorias sem vê-las em prática, é completamente diferente do momento em que passamos a atuar como regentes de ensino no ambiente escolar. Ao chegarmos à sala de aula, a realidade é completamente diferente. Deparamo-nos com outro mundo. Mal deixamos de ser alunos e passamos a ser professores. A experiência de sentir na pele o que é ser professor foi algo que adquirimos a partir de nossa inserção no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), o que nos permitiu vivenciar realidades concretas de ensino-aprendizagem, a partir de um trabalho coletivo que contou com a participação de outros agentes, como coordenadores de área, supervisoras e demais pibidianos, além dos alunos da escola em que atuamos.

Considerando que antes nunca tínhamos pisado o chão da sala de aula na condição de professoras, é-nos de grande relevância não só relatar, mas refletir sobre esse primeiro contato com a sala de aula a partir de nossa atuação como bolsistas do PIBID. Por isso, aqui, vamos pontuar, a partir de nossas memórias docentes, os impactos que a vivência no PIBID nos trouxe bem como as ressignificações que pudemos fazer no processo de construção de nossa identidade docente.

Além disso, vamos pontuar também as dificuldades que, como professoras em formação inicial, tivemos e que, acreditamos, são comuns a outros sujeitos em situações análogas à nossa. Ao mesmo tempo, vamos refletir sobre os movimentos que realizamos em busca de alternativas para superar as dificuldades encontradas pelo caminho. Isso pode ser importante para quem deseja ingressar na docência e ainda não sabe o que poderá encontrar ao longo do seu percurso formativo.

METODOLOGIA

¹ Graduanda do curso de Letras Português do Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba-PB josielechalega18@gmail.com

² Graduanda do curso de Letras Português do Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba-PB wendykarolinne4@gmail.com

³ Professor orientador: Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba, professor de Licenciatura do Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e coordenador de área, na mesma instituição, do subprojeto de Letras – Língua portuguesa do PIBID. E-mail: marcelomedeiros_silva@yahoo.com.br

Iniciamos a nossa participação como bolsista do PIBID em 2018. Antes de entrarmos no ambiente da sala de aula participamos de reuniões nas quais discutimos sobre as regras do programa do qual estávamos participando, foi o momento para conhecermos as supervisoras, sabermos em qual escola iríamos atuar e também para conhecermos os demais colegas participantes do programa. Durante as reuniões, discutimos alguns textos sobre o processo de formação de professores, sobre o planejamento, como elaborar uma sequência didática para em seguida iniciarmos as observações das aulas na escola e só depois passarmos a realizar as intervenções didáticas. Esses foram, pois, momentos formativos iniciais em que tivemos, inclusive, instruções de etnografia para sabermos não apenas o que coletar na escola, mas como olhar para escola, o que ouvir, ver, registrar e falar. Passamos a vivenciar a realidade escolar a partir de outubro de 2018, quando começamos a observar a escola, as aulas. Em março de 2019, fizemos umas observações e depois passamos a atuar em uma turma de 6º ano.

Em síntese, a observação-participante, o registro em diário de campo, a aplicação de questionários são instrumentos que utilizamos para conhecer melhor a escola e a realidade em que atuamos. Quanto à metodologia das ações que realizamos como bolsistas, ela é marcada por procedimentos que envolvem reunião em grupo para a discussão de textos teóricos, roda de conversas para a reflexão sobre as atividades na escola, encontros para planejamento das atividades e elaboração das sequências didáticas.

DESENVOLVIMENTO

Sabemos que hoje em dia os professores são direcionados para ministrarem aulas em disciplinas que não são específicas de sua área mantendo assim uma atuação inadequada, isto é um problema principalmente para a educação básica que é a base das escolas e precisa de profissionais com formações específicas para que o processo de ensino-aprendizagem seja desenvolvido corretamente.

Segundo Bastos (2017), mais de 57% dos professores da educação básica no Brasil não possuem licenciatura na disciplina em que trabalham e 22% dos que estão em sala de aula não possuem qualquer licenciatura, sendo que, a região Nordeste é a que mais se centra essa porcentagem sem licenciatura na área específica. Dessa forma, é possível perceber a importância que a formação tem para o desenvolvimento do professor, pois essa é uma das profissões que podem alavancar o desenvolvimento do país. O processo de formação de professores deve acontecer para que possam oferecer um ensino de qualidade que atenda às necessidades dos alunos, às normas educacionais, e supere as expectativas da sociedade. Para que isso aconteça, é necessário que o professor tenha suporte e que ele tenha uma boa formação.

A formação de professores é o universo que nos possibilita muitas descobertas, transformações e mudanças, pois é através dela que construímos uma identidade profissional e nos tornamos professores. Para que haja um trabalho de qualidade, a escola precisa se qualificar junto com o professor, pois ele sozinho não irá fazer a diferença. Logo a reflexão sobre a própria prática é fundamental para o docente em formação inicial ou continuada. Refletir sobre o próprio agir, como temos feito ao longo do PIBID, é um saber que estamos incorporando ao nosso agir como docentes:

No processo de formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à

reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. (FREIRE, 1994, p 17).

Dessa forma o processo de formação é um contínuo. Ser professor é estar em processo, transformação, busca em melhorar a si e a própria prática. Além disso, ser professor é entender que não pode agir sozinho, que a profissão docente não se assenta no monólogo, mas em diálogos com os alunos, com os próprios pares, com os pais dos alunos. Por isso, a formação que estamos tendo no PIBID tem não só nos aberto o olhar para outras percepções acerca do ser professor, como também ampliado a nossa autonomia, como professoras em formação inicial, para mobilizarmos os saberes que aprendemos na academia e colocá-los em diálogo com as necessidades formativas dos alunos com quem atuamos:

Como professor num curso de formação docente não posso esgotar minha prática discursando sobre a Teoria da não extensão do conhecimento. Não posso apenas falar bonito sobre as razões ontológicas, epistemológicas e políticas da Teoria. O meu discurso sobre a Teoria deve ser o exemplo concreto, prático, da teoria. Sua encarnação. Ao falar da construção do conhecimento, criticando a sua extensão, já devo estar envolvido nela, e nela, a construção, estar envolvendo os alunos. (FREIRE, 1994. p 21)

A profissão de professor deveria ser algo priorizado, pois é ela que forma todas as outras. O professor deveria ser mais valorizado, respeitado, mas, pelo contrário, temos professores hoje que até têm medo de ir à escola porque no dia anterior foi espancado por um aluno. Bastos (2017) afirma que “não se pode, em hipótese nenhuma, começar a pensar no desenvolvimento da criança, do adolescente e do jovem, se previamente, não houver investidora qualificativa nos professores.” Diante disso, é possível perceber que o investimento que deve existir no professor é de suma importância para a construção de uma educação de qualidade e para que o professor se sinta motivado.

Assim, dentre as políticas para formação de professores, insere-se o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) que abre espaço para os docentes em formação inicial, introduzindo-nos no meio através de atividades que possibilitam o contato com a sala de aula, com pesquisas, projetos didáticos. Podemos dizer que o PIBID é uma importante política pública de formação para professores iniciantes. Mais do que a concessão de uma bolsa de estudos, o PIBID procura oferecer formação docente de qualidade e incidir na melhoria da educação básica a partir do consórcio entre escolas públicas e universidades.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As experiências vivenciadas nos fizeram refletir sobre a influência da afetividade no relacionamento de alunos e professores e quais as consequências de sua ausência no ensino e aprendizagem. A relação que o professor constrói com seus alunos, seja ela positiva ou negativa, irá interferir no desenvolvimento de habilidades e competências dos alunos. Deste modo, se existe uma relação afetiva entre professor e aluno, é notório que a aprendizagem aconteça de forma efetiva, no entanto, se esta relação não se dá de forma positiva, entre as partes, o aluno terá mais dificuldades e o processo de aprendizagem se tornará uma atividade sofrida.

Durante as observações em sala de aula, foi possível perceber que os alunos não possuem um vínculo afetivo com a professora, o que compromete o bom andamento das atividades, já que é necessário associar o conteúdo à realidade dos alunos para que possam se

sentir acolhidos no ambiente escolar, o que é imprescindível para o desenvolvimento qualitativo da educação.

Além de percepções como essa sobre a realidade escolar, a vivência no PIBID nos levou a percepções sobre nós mesmas como docentes em formação inicial. Assim, quando chegou a vez de nos prepararmos para intervir, antes disso, o momento mais difícil para nós foi o de elaborar a sequência didática e, para isso, trabalhar em grupo. O processo de elaboração da primeira sequência foi árduo, pois o trabalho em grupo requer muito esforço e determinação. Desde então, não sabíamos que toda sequência necessita de textos que serviriam como suporte para uma aula. Esta foi a parte mais difícil, pois precisávamos escolher textos que chamassem a atenção dos alunos, mas, para fazer essa escolha, precisamos ter um repertório de leitura mais amplo que o de nossos alunos. Aí, percebemos o quanto nosso horizonte de leitura era exíguo. Logo, se queríamos que nossos alunos fossem leitores, precisávamos nós mesmas sermos leitoras. Então, era preciso investir nesse sentido para que pudessemos ser professoras mais qualificadas. A ausência de leitura, o desconhecimento de gêneros do universo do trabalho docente, como a sequência didática, tudo isso concorreu para tornar o planejamento das primeiras intervenções mais difíceis. A nossa primeira sequência didática, por exemplo, foi corrigida e reescrita inúmeras vezes. A primeira semana de aula foi bastante intensa e complexa, pois foi a nossa primeira vez no chão da sala de aula, mas ao longo das idas à escola e com a ajuda do coordenador e das supervisoras estamos fazendo um trabalho de qualidade.

A elaboração das sequências é realizada em grupo e isso não é uma tarefa fácil. Cada pessoa tem um pensamento e ideia próprios. É preciso fazer negociações, aprender a ouvir o outro, conviver com o pensamento divergente, saber que nem sempre temos razão ou a melhor ideia. Assim, trabalho em grupo pode ser complexo e ao mesmo tempo valioso, pois, assim como o professor não consegue fazer seu trabalho sozinho, nós também não conseguiríamos. Aprendemos, com o PIBID, que a docência é um exercício de colaboração. Dessa forma estas elaborações nos serviram como aprendizado para entendermos a importância da coletividade e o trabalho em conjunto. Seguir o cronograma da escola nos trouxe uma responsabilidade maior. Precisávamos ser criativas ao ponto de chamar a atenção dos alunos, mas também trabalhar o conteúdo que os alunos necessitavam ver ao longo do ano letivo.

A cada sequência elaborada, aprendemos diferentes formas de trabalhar cada conteúdo, desde a escolha dos textos até a elaboração das perguntas norteadoras, analisando que o ensino da gramática pode ser trabalhado em textos e não apenas ensinado da forma tradicional, pois é perceptível que a escola não deixou a noção de ensinar a gramática apenas com uso de palavras e frases. Com a nossa permanência na escola, estamos procurando inovar o ensino da gramática e aos poucos temos conseguido ver pequenos resultados em nossos alunos.

Dentre as dificuldades que encontramos durante esse processo de formação em que ministramos as aulas em uma turma de 6º ano, uma das que chamou bastante atenção foi a dificuldade que a turma possui tanto quanto à leitura e à prática de escrita. A partir disso, começamos a pensar em textos que chamassem a atenção dos alunos e que eles tivessem interesse em ler, como também passamos a preparar atividades a partir das quais fosse possível trabalhar a prática da escrita com os alunos.

Diante disso podemos perceber as lacunas existentes no sistema educacional. Possivelmente, esses alunos foram passados de ano sem ter desenvolvido as habilidades de cada ciclo, persistindo, assim, as dificuldades e inviabilizando que os direitos de aprendizagem deles fossem respeitados. Desatenção e resistência são sintomas preocupantes,

muito possivelmente frutos de uma escola desalinhada da realidade dos alunos e que não promove uma ponte entre os conteúdos programáticos propostos e os múltiplos contextos sociais nos quais estão inseridos os alunos. Assim, a instituição de educação básica acaba não cumprindo com o seu papel de agente formador da cidadania.

Para finalizar, podemos pontuar que ser professor não é apenas ter uma boa formação e ser qualificado. Ser professor é conhecer os alunos, é buscar interferir na vida social deles para que possa haver comunicação entre professor-aluno, facilitando, assim, a melhoria do desenvolvimento e aprendizagem de todos, pois o professor também aprende com o aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências aqui relatadas foram de suma importância para a nossa formação acadêmica, assim como nossa entrada no programa, pois nos permitiu vivenciar esses momentos para os quais não teríamos oportunidade tão cedo assim como tivemos.

O PIBID se caracteriza por ser um programa que abre caminhos para todos. É fundamental destacar que a nossa permanência nele tem nos permitido conhecimentos e experiências inovadoras. E uma delas é reiterar o nosso desejo de continuar no magistério, apesar das dificuldades inerentes à profissão e da desvalorização da mesma.

Palavras-chave: PIBID; memória docente; reflexões; alunos em formação.

REFERÊNCIAS:

BASTOS, Manoel de Jesus. **A formação de professores para a Educação Básica**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 02, Ed. 01, Vol. 14, pp. 82-97 Janeiro de 2017.

GUEDES, Paulo Coimbra. **A formação do professor de português: que língua vamos estudar**. São Paulo: Parábola Editorial. 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

NÓVOA, António. **Nada substitui um bom professor: propostas para uma revolução no campo da formação de professores**. Disponível em: <file:///C:/Users/Aluno/Downloads/nada%20substitui%20um%20bom%20professor.pdf>. Acesso em: 04 de outubro de 2019.

SOARES, Edilana et al. **Vivências do bolsista id no pibid: relato de experiência na escola municipal amigos da natureza**. Educere, 2015. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/20755_8758.pdf>. Acesso em: 03 de outubro de 2019.

Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/acessoainformacao/perguntas-frequentes/228-educacao-basica-deb/9845-pibid>> acesso em: 03 de outubro de 2019.